



**26 DE OUTUBRO DE 2016**

**Quarta-feira**

- BRASIL PERDE DUAS POSIÇÕES EM RANKING GLOBAL DE NEGÓCIOS
- EMPRESÁRIOS DA ALEMANHA E DO BRASIL DISCUTEM INVESTIMENTOS E OPORTUNIDADES DE NEGÓCIOS NO PARANÁ
- METALÚRGICOS DA VOLKS DO PARANÁ APROVAM ACORDO QUE MANTÉM VAGAS ATÉ 2021
- EM PLEBISCITO, TRABALHADORES DA SCANIA CONFIRMAM REAJUSTE ABAIXO DA INFLAÇÃO
- FEDERAÇÃO INDICA REJEIÇÃO DE NOVA PROPOSTA DA PETROBRAS, QUE TENTA EVITAR GREVE
- BUSCA DE FLEXIBILIDADE MOTIVA EMPREENDEDORISMO, INDICA PESQUISA
- REMESSAS DE LUCROS E DIVIDENDOS DAS MONTADORAS A MATRIZES CAEM 80%
- ÍNDICE DE PREÇOS AO PRODUTOR SOBE 0,47% EM SETEMBRO, DIZ IBGE
- BRASIL DEVE PRIORIZAR CORTE DE TARIFAS NO COMÉRCIO EXTERIOR, DIZ ESPECIALISTA
- ESTÍMULO ÀS EXPORTAÇÕES DA INDÚSTRIA FRACASSOU, DIZEM ESPECIALISTAS
- BNDES DIZ QUE LINHA DE R\$ 5 BI A EMPRESAS COM DIFICULDADES NÃO É PARA ACIONISTA
- O QUE ESTÁ POR TRÁS DA QUEDA DO DÓLAR, QUE CHEGOU AO MENOR PATAMAR EM 16 MESES
- ARMINIO: POLÍTICA MONETÁRIA ESTÁ COM FOCO EM TRAZER INFLAÇÃO PARA META
- CINCO COISAS QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE O PROJETO QUE LIMITA O GASTO PÚBLICO
- GOVERNO ESPERA INICIAR CONSULTA PARA CONTESTAR SOBRETAXA DOS EUA AO AÇO
- NO MUNDO, IGUALDADE DEVE DEMORAR 170 ANOS
- PAÍS LEVARÁ 100 ANOS PARA IGUALAR SALÁRIOS DOS DOIS SEXOS
- IMPORTAÇÃO DE BENS DE CAPITAL AUMENTA, APONTA FGV

- ENTIDADES PEDEM AO STF ADIAMENTO DE JULGAMENTO SOBRE 'DESAPOSENTAÇÃO'
- PRODUÇÃO DE COBRE DA ANTOFAGASTA AUMENTA NO 3º TRI, MAS FRUSTRA ANALISTAS
- ECONOMIA E INDÚSTRIA DO AÇO DEVEM VOLTAR A CRESCER EM 2017
- VOLKSWAGEN VAI PAGAR US\$ 14,7 BILHÕES EM INDENIZAÇÕES POR VEÍCULOS ADULTERADOS
- PARANÁ É O ESTADO LÍDER DE EXPORTAÇÃO DE SETE PRODUTOS
- TOYOTA ANUNCIA RECALL DE OUTROS 6 MILHÕES DE AIRBAGS DA TAKATA
- LÍDER ISOLADA PELA 1ª VEZ, FIAT DIZ JÁ SER BRASILEIRA
- ARTIGO: CHEGAMOS A ESSE MOMENTO?
- GERDAU APOSTA EM MODELO DE PRODUÇÃO DE AÇO MAIS SUSTENTÁVEL
- FÁBRICA DE EMBALAGENS EXPANDE PRODUÇÃO EM 80% EM VALINHOS
- ALTAS DOS JUROS PARA PESSOA FÍSICA SÃO PUXADAS POR CARTÕES E CHEQUE, DIZ BC
- ENDIVIDAMENTO DAS FAMÍLIAS CAI A 43,1% EM AGOSTO, REVELA BANCO CENTRAL
- PRIMEIRO SEMESTRE DE 2017 SERÁ DECISIVO PARA PEQUENA INDÚSTRIA

<b>CÂMBIO</b>		
<b>EM 26/10/2016</b>		
	<b>Compra</b>	<b>Venda</b>
<b>Dólar</b>	3,117	3,117
<b>8Euro</b>	3,402	3,403

**Fonte: BACEN**

## **Brasil perde duas posições em ranking global de negócios**

26/10/2016 – Folha de S. Paulo

O Brasil perdeu duas posições no ranking Doing Business, criado pelo Banco Mundial para monitorar o ambiente de negócios dos países.

O relatório divulgado nesta terça (25) mostra o Brasil na 123ª posição, entre 190 países, duas casas abaixo da marca anterior (121ª).

Dessa forma, o país aparece abaixo de outros emergentes, como Turquia (69º), África do Sul (74º) e China (78º). Só a Índia (130º), entre os BRICS, fica pior que o Brasil.

Em relação aos pares na América Latina, o Brasil ficou atrás de todas as grandes economias: México (47º), Colômbia (53º), Chile (57º) e Argentina (116º). E também atrás de países menores, como Paraguai (106º) e Peru (54º).

O ranking global é liderado pela Nova Zelândia, seguida por Cingapura e Dinamarca. Em viagem aos EUA, neste mês, onde se encontrou com investidores estrangeiros, o ministro Henrique Meirelles (Fazenda) afirmou que o governo pretende trabalhar com o Banco Mundial para melhorar o ambiente de negócios no Brasil e, com isso, fazer o país subir na classificação.

Embora tenha descido no ranking, o Brasil avançou em 3 dos 10 tópicos monitorados: registro de propriedades, facilitação do comércio internacional e execução de contratos. Foi também o país que mais emplacou reformas na América Latina. A melhor nota do Brasil é na execução de contratos. O país subiu oito posições, ficando em 37º lugar global.

O principal avanço na área, segundo o Banco Mundial, foi a adoção do novo Código Civil e o impulso às mediações judiciais, com incentivos para as partes que optem pelo caminho simplificado.

No tema comércio internacional, o Brasil subiu uma posição. Mas ainda assim está entre os mais mal avaliados: 150º entre 190 países. O Banco Mundial ressaltou como positiva a implementação de sistema eletrônico que reduz o tempo e a documentação exigidos nas importações.

O Brasil perdeu posições nos quesitos obtenção de energia elétrica e resolução de insolvência. A pior nota do país segue, porém, no item pagamento de impostos, cuja posição brasileira é a 181ª.

No quesito mais difundido pelo Doing Business, o tempo e a burocracia exigidos para a abertura de empresas, o Brasil ainda é o 175º colocado e perdeu uma posição ante o resultado do ano anterior. A abertura de uma empresa leva, na média global, 21 dias. No Brasil, são 79,5 dias.

O relatório registrou, contudo, a positiva criação de um sistema de atendimento on-line às empresas no Rio.

O Doing Business é a fotografia do país em 1º de junho. Só o pagamento de impostos se baseia nos dados de 2015. Há três edições, desde que uma nova metodologia foi apresentada pelo Banco Mundial, o Brasil fica cada vez mais distante da fronteira —o que representa o melhor desempenho observado em cada um dos indicadores.

A distância até a fronteira é medida por uma escala de 0 a 100, na qual zero é o pior resultado (mais distante). Entre 2014 e este ano, o Brasil decresceu de 57,69 para 56,53, justamente período em que mergulhou em uma das piores recessões de sua história.

## **Empresários da Alemanha e do Brasil discutem investimentos e oportunidades de negócios no Paraná**

26/10/2016 – SmartCom

*Rodada de Negócios promovida pela AHK Paraná trará investimentos ao Estado*  
Empresários alemães e paranaenses apresentarão suas empresas, produtos e serviços, no próximo dia 9 de novembro, em Curitiba.

A ação acontecerá durante a Rodada de Negócios promovida pela Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha (AHK Paraná) com o objetivo de realizar novos negócios entre as empresas participantes.

O momento é propício, uma vez que o Brasil retoma a confiança e reforça a sua necessidade de atrair investimentos internacionais. As companhias alemãs vêm identificar novas parcerias, por meio de contatos individuais com empresários brasileiros. "A realização desta Rodada de Negócios mostra que o interesse pelo Brasil está despertando novamente. Sabemos da importância deste tipo de encontro para o desenvolvimento da indústria e do comércio no nosso estado", diz o Diretor da AHK Paraná, Andreas Hoffrichter.

Historicamente, o investimento alemão no Estado é significativo. Estão instaladas aqui empresas como a Robert Bosch, Volkswagen, Bardusch, Audi, Brose, thyssenkrupp Brasil Division Steering, entre outras.

O executivo Roberto Koch, que participou da Rodada de Negócios de 2011, é testemunha da efetividade deste tipo de iniciativa. Ele conta que, durante o encontro, estreitou o relacionamento com uma empresa alemã – a Heinrichs Drehteile GmbH & Co. KG.

Foi aí que a vinda da empresa para o Paraná se tornou viável. "Após dois meses do primeiro contato, fechamos uma parceria para representação. Essa parceria possibilitou o fechamento de dois grandes clientes no Brasil, o que estimulou a companhia a abrir sua filial em Curitiba. Diante da oportunidade, encerrei as atividades na minha empresa de representações para trabalhar com exclusividade para a Heinrichs no Brasil, onde estou até hoje como diretor geral", afirma.

As empresas interessadas em participar do evento encontram o perfil das empresas alemãs e a cooperação que cada uma deseja efetivar no Brasil no site da AHK Paraná.

Os horários dos encontros são pré-agendados e haverá a disponibilidade de intérpretes durante todo o evento.

### **Serviço:**

**Assunto:** Rodada de Negócios com empresários alemães

**Data:** Quarta-feira, 9 de novembro de 2016

**Local:** Hotel Ramada Rayon / Rua Visconde de Nacar, 1424 (Centro) - Curitiba

**Mais informações e agendamento de horário:** (41) 3323-5958 ou [ahkparana@ahkbrasil.com](mailto:ahkparana@ahkbrasil.com)

### **Perfil das empresas alemãs participantes:**

**Premosys GmbH** - Tecnologia de medição ótica para linhas de produção. Aplicação para: fabricantes de peças e acessórios para a indústria automotiva, indústria alimentícia e indústria de celulose/papel - fabricantes de plásticos.

**HAAS Holzzerkleinerungs - und Fördertechnik GmbH** - Fabricante de equipamento completo para reciclagem de madeira, picadores/trituradores de madeira, equipamento para resíduos de serrarias.

**Clemens GmbH & Co KG** - Fabricante e comerciante de máquinas e equipamentos para produção de vinho e colheita de frutas. (Tanques de aço inoxidável, plantas completas para vitivinicultura, projetos especiais para indústria).

**Chemservice GmbH** - Consultoria na área da indústria química (regulamentação para produtos químicos). Avaliação de riscos e representação de fabricantes de produtos químicos com origem fora da união europeia.

**Chemineral Deutschland GmbH** - Distribuidora de matérias-primas e produtos químicos para a aplicação industrial: adubos, matérias-primas para cosméticos, minerais para a indústria de construção.

**Berger-Seidle GmbH** - Desenvolvimento, fabricação, distribuição e consultoria na área de vernizes, produtos e sistemas com baixo índice de emissões e poluentes/contaminantes. Produtos para pisos de madeira: vernizes, colas, produtos de conservação (ceras), entre outros.

**Berger-Lacke GmbH** - Desenvolvimento, fabricação, distribuição e consultoria na área de vernizes, produtos e sistemas com baixo índice de emissões e poluentes/contaminantes. Produtos para área industrial: vernizes industriais para aplicação em produtos, equipamentos fundidos como bombas, válvulas, entre outros.

**Mais informações:**

[http://www.ahkcuritiba.com.br/fileadmin/ahk\\_brasilien\\_curitiba/Documentos/Perfil\\_Empresas\\_Alemas.pdf](http://www.ahkcuritiba.com.br/fileadmin/ahk_brasilien_curitiba/Documentos/Perfil_Empresas_Alemas.pdf)

## **Metalúrgicos da Volks do Paraná aprovam acordo que mantém vagas até 2021**

26/10/2016 – Bem Paraná



Na tarde desta terça-feira (25), os cerca de três mil metalúrgicos da Volkswagen, em São José dos Pinhais, aprovaram a proposta do acordo coletivo de cinco anos, com vigência de setembro de 2016 até agosto de 2021.

A decisão foi tomada em assembleia liderada pelo Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba (SMC) em porta de fábrica.

A proposta apresentada pela montadora ao SMC no dia 16 de agosto e melhorada após várias rodadas de negociação com os diretores sindicais consiste principalmente na manutenção dos postos de trabalho até 2021 para os trabalhadores da linha de produção.

Entre os itens do acordo estão inclusos a Participação nos Lucros e Resultados (PLR), reajuste salarial, Programa de Proteção ao Emprego (PPE), Layoff e Plano de Demissão Voluntária (PDV).

O acordo aprovado também prevê uma rediscussão caso a produção anual supere 200 mil unidades.

## **Em plebiscito, trabalhadores da Scania confirmam reajuste abaixo da inflação**

26/10/2016 – Tribuna PR

Em plebiscito realizado nesta terça-feira, 25, os trabalhadores da fábrica da Scania em São Bernardo do Campo confirmaram a decisão de abrir mão de repor a inflação na campanha salarial deste ano, em troca de uma maior garantia de estabilidade, renovações de contratos temporários e antecipação do 13º salário de 2017, informou o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. O resultado a favor do acordo põe fim a uma greve que durou uma semana.

Os funcionários já haviam aprovado o acordo em assembleia realizada ontem. No entanto, como a aprovação se deu por uma pequena diferença, o sindicato optou por realizar um plebiscito com todos os trabalhadores, em urnas espalhadas pela fábrica, para tirar qualquer dúvida que possa pairar sobre o resultado. Em nova votação apertada, 958 foram a favor da proposta e 923 se posicionaram contra, de um total de 1.881 voto válidos. Treze trabalhadores anularam o voto.

Antes e durante a paralisação, os funcionários pediram reajuste salarial de 9,62%, equivalente à inflação medida pelo INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor) nos 12 meses encerrados em setembro, data-base da categoria.

A empresa rejeitou o pedido e ofereceu aumento de 5%, alegando quedas no volume de produção e dificuldades econômicas no País. A proposta, que foi recusada inicialmente pelos metalúrgicos, depois foi aceita, em troca de outras vantagens.

As vantagens conquistadas durante a negociação foram a elevação em três meses do período de garantia de estabilidade, para dezembro de 2017, a renovação dos contratos de trabalhadores temporários e a antecipação do 13º salário de 2017 para o mês de fevereiro.

O acordo, que tem validade de 2 anos, também prevê um adicional nos salários, aplicado em janeiro de 2018 e 2019, caso a produção anual atinja ou supere 16 mil unidades de caminhões e ônibus. O aumento seria de 0,5% nos salários a cada mil unidades produzidas a mais.

Entre as montadoras instaladas no ABC, somente a Scania estava em campanha salarial. Nas demais, o reajuste deste ano já está previsto em acordos firmados anteriormente, com validade para mais de um ano. Ao todo, Scania tem 3,2 mil trabalhadores, sendo cerca de 2 mil na produção.

## **Federação indica rejeição de nova proposta da Petrobras, que tenta evitar greve**

26/10/2016 – Bem Paraná

A FUP (Federação Única dos Petroleiros) indicou aos sindicatos filiados que rejeitem a última proposta de reajuste apresentada pela Petrobras na semana passada, de 6%. A FUP indica ainda que as assembleias votem por mobilizações e atrasos no embarque de plataformas ou entradas de unidades como um "esquenta para a greve".

A Petrobras e os petroleiros começaram a negociar o reajuste de 2016 em setembro, quando a estatal ofereceu aumento de 4,97% para empregados com salário até R\$ 9 mil e de R\$ 447,30 para os demais.

A proposta foi rejeitada e, em uma segunda rodada, a empresa aumentou a oferta para 6% para todos os empregados. Os sindicatos dizem que não negociarão valores menores do que a deposição da inflação (no acumulado até setembro, 8,48%, pelo IPCA).

A FUP reclama ainda de duas propostas feitas pela estatal: redução à metade do valor das horas extras e possibilidade de redução da jornada em 25%, com corte equivalente nos rendimentos.

As assembleias dos petroleiros serão realizadas esta semana. A direção da companhia tenta convencer os trabalhadores a não aderir a uma greve.

## **Busca de flexibilidade motiva empreendedorismo, indica pesquisa**

26/10/2016 – Folha de S. Paulo

A possibilidade de trabalhar como, quando e de onde quiser é o principal motivo para empreender, segundo pesquisa com 2.500 donos de pequenas empresas.

A flexibilidade foi apontada como principal motivação por 35% dos entrevistados. Ficou à frente de opções como deixar de correr o risco de perder o emprego (29%), ter potencial de geração de dinheiro (12%) e buscar a solução de um problema (9%).

A pesquisa foi realizada a partir da internet pela empresa GoDaddy (companhia que oferece serviços para micro e pequenas empresas, como criação de sites e registro de domínio na internet).

### **HORA DE EMPREENDER**

A maior parte dos empreendedores, 58%, decidiu começar a empreender enquanto ainda tinha um emprego. Outros 15% também tomaram a decisão enquanto estavam no mercado, mas não saíram do emprego antes de criar uma empresa: abriram negócios enquanto ainda trabalhavam e mantiveram as atividades em paralelo.

Dos demais, 8% decidiram empreender enquanto eram estudantes e 19% seguiram por esse caminho após perder um emprego.

Cristiano Mendes, diretor de desenvolvimento de negócios para América Latina na GoDaddy, afirma que, ao contrário do que é percebido pelo senso comum, os resultados indicam que a busca por satisfação pessoal tem tido mais importância do que a busca por lidar com emergências financeiras ou desemprego.

### **GERAÇÕES**

Na pesquisa, a empresa comparou as respostas de empreendedores de diferentes gerações, conhecidas como "Baby Boomers", Geração X e Geração Y (acima de 51 anos, de 31 a 50 anos e até 30 anos, respectivamente, seguindo critério usado pela empresa).

Em geral, não houve variações relevantes entre elas.

Na pergunta sobre momento que decidiram empreender, por exemplo, 62% dos empreendedores da Geração Y disseram estar empregados quando tomaram a decisão. Nos da Geração X, o percentual foi de 56% e entre os "Baby Boomers" 57%.

Uma das diferenças significativas entre esses grupos está no percentual dos que disseram empreender para ajudar o mundo a resolver um problema: O item foi escolhido por 14% dos da Geração Y, 6% da Geração X e 7% dos Baby Boomers.

## **Remessas de lucros e dividendos das montadoras a matrizes caem 80%**

26/10/2016 – Tribuna PR

Em meio à falta de reação do mercado de veículos no Brasil, as montadoras têm enviado cada vez menos lucros e dividendos a suas matrizes no exterior. No terceiro trimestre deste ano, foram remetidos US\$ 3,99 milhões, queda de 80% em relação ao segundo trimestre (US\$ 20 milhões) e recuo de 88% na comparação com o terceiro trimestre do ano passado (US\$ 32,35 milhões), segundo dados do Banco Central.

No acumulado de janeiro a setembro, as remessas das montadoras somaram US\$ 38,46 milhões, contração de 75% ante volume alcançado em igual período de 2015, quando a soma foi de US\$ 154 milhões. Só em setembro, foram apenas US\$ 906 mil,

baixa de 94% sobre o resultado do mesmo mês do ano passado, quando os lucros e dividendos enviados à matrizes alcançaram US\$ 16 milhões.

Os recuos nas remessas refletem as consecutivas quedas nas vendas de veículos no Brasil. No acumulado de janeiro a setembro, os emplacements caíram 22,8% na comparação com igual período do ano passado. O mercado caminha para o quarto ano seguido de queda, depois de retrações de 26,5% em 2015, de 7,15% em 2014 e de 0,9% em 2013.

O setor automotivo, no entanto, não é o único a reduzir as remessas de lucros e dividendos ao exterior. Segundo dados divulgados nesta terça-feira, 25, pelo Banco Central, na Nota do Setor Externo, as remessas caíram 31% no acumulado de janeiro a setembro, considerando todos os setores da economia.

Em setembro, o montante remetido por todas as empresas somou US\$ 899 milhões, abaixo dos valores registrados em julho (US\$ 1,639 bilhão) e em agosto (US\$ 1,767 bilhão).

A diminuição foi, segundo analistas, a principal responsável pelo menor déficit em conta corrente no País em setembro, de US\$ 465 milhões, contra US\$ 579 milhões em agosto.

## **Índice de Preços ao Produtor sobe 0,47% em setembro, diz IBGE**

26/10/2016 – Tribuna PR

O Índice de Preços ao Produtor (IPP), que inclui preços da indústria extrativa e de transformação, registrou alta de 0,47% em setembro, informou nesta quarta-feira, 26, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A taxa de agosto foi revisada de uma redução de 0,26% para recuo de 0,25%.

O IPP mede a evolução dos preços de produtos na “porta da fábrica”, sem impostos e fretes, da indústria extrativa e de 23 setores da indústria de transformação.

Considerando apenas a indústria extrativa, houve avanço de 8,19% nos preços em setembro, após alta de 4,15% em agosto. Já a indústria de transformação registrou aumento de 0,24% no IPP de setembro, ante recuo de 0,38% em agosto.

Com o resultado anunciado nesta quarta-feira, o IPP de indústrias de transformação e extrativa acumula queda de 0,46% no ano e aumento de 0,52% em 12 meses.

### **Detalhamento**

Os bens de capital ficaram 0,93% mais caros na porta de fábrica em setembro ante agosto, dentro do Índice de Preços ao Produtor (IPP), divulgado pelo IBGE.

Já os preços dos bens intermediários subiram 0,62%. Os bens de consumo tiveram aumento de 0,13%, sendo que os bens de consumo duráveis recuaram 0,15% e os bens de consumo semiduráveis e não duráveis subiram 0,22%.

A maior contribuição para a alta de 0,47% registrada no IPP de setembro foi dos bens intermediários (0,35 ponto percentual), seguida por bens de capital (0,08 ponto percentual) e bens de consumo (0,05 ponto percentual).

Dentro de bens de consumo, 0,06 ponto percentual veio dos bens de consumo semiduráveis e não duráveis e -0,01 ponto percentual dos bens de consumo duráveis.



## **Brasil deve priorizar corte de tarifas no comércio exterior, diz especialista**

26/10/2016 – Bem Paraná

O primeiro passo para o Brasil aumentar sua participação no comércio internacional é reformar sua estrutura tarifária às importações, disse o professor de Harvard Robert Lawrence nesta terça (25). Na visão do especialista, essa é a primeira medida para que o país possa abrir sua economia e se integrar às cadeias produtivas globais.

Outras prioridades devem ser a melhoria da infraestrutura, do ambiente regulatório e da administração das fronteiras do país. Lawrence fez a abertura do Fórum Comércio Exterior, promovido pela Folha de S.Paulo em parceria com a CNI (Confederação Nacional da Indústria) em São Paulo.

A estratégia brasileira, alicerçada em forte protecionismo do mercado doméstico, acabou por deixar o país de fora de uma das principais tendências do comércio global de hoje, de fragmentação da produção. Um exemplo é a fabricação de um celular, em que seus componentes são produzidos em diversos países, cada um agregando um percentual de seu valor final.

"Você pode ter uma política industrial [de incentivo], mas simplifique-a", disse o professor. Ele também defendeu que o Brasil adote uma nova estratégia de integração regional, diante da estagnação do Mercosul. Para ele, uniões aduaneiras, como é o caso do bloco sul-americano, são de difícil operacionalização.

OMC A OMC (Organização Mundial de Comércio), cuja força foi abalada pela falta de avanço na conclusão de novos acordos, como a rodada Doha, deve voltar a ser o centro do comércio global, afirma Lawrence.

Para isso, ele defende uma mudança na dinâmica da organização, para que países que não desejem fazer parte de um acordo negociado no âmbito da OMC possam optar por ficar de fora. Assim, o processo de integração regional que tem se dado fora da organização, como o TPP, poderiam ser feitos dentro da instituição.

## **Estímulo às exportações da indústria fracassou, dizem especialistas**

26/10/2016 – Bem Paraná

Em dez anos, a participação de manufaturados nas exportações brasileira despencou na proporção em que a de básicos disparou. Enquanto uma foi de 54,4% em 2006 para 38,1% em 2015, a outra foi de 29,2% em 2006 para 45,6% em 2015, de acordo com o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços.

Embora fatores externos, como o boom das commodities e a valorização do real, tenham influenciado o processo, a própria indústria reconhece que a razão principal para isso é a baixa eficiência do setor em comparação com estrangeiros. Paradoxalmente, a perda de competitividade resulta em grande medida de políticas governamentais de incentivo que acabaram por isolar o Brasil das cadeias globais, em que a produção é fragmentada em diversos países.

A tentação de concentrar os esforços no mercado doméstico, aquecido entre as crises de 2008 e 2014, também pesou na estratégia das companhias. Documento produzido a partir de discussões de um grupo formado por nomes como o do presidente do Banco Central, Ilan Goldfajn, concluiu que a Política de Desenvolvimento da Produção, de 2008, e o Plano Brasil Maior, de 2011, falharam no objetivo de aumentar a produtividade e geraram custos elevados para as indústrias produtoras de bens finais.

Isso acontece porque muitos desses incentivos e proteções foram direcionados a insumos e produtos intermediários, como a exigência de conteúdo nacional.

"Essa quantidade de incentivos acabou intoxicando a indústria. Os esforços deveriam ter sido para levantar a competitividade total da economia, melhorando a infraestrutura, investindo em educação e revisando a carga tributária, por exemplo", diz Sandra Rios, diretora do Centro de Estudos de Integração e Desenvolvimento e uma das autoras do documento. Diego Bonomo, diretor de comércio exterior da CNI (Confederação Nacional da Indústria) concorda que o principal fator para a distorção na balança comercial brasileira é interno, e não externo. "Nossa competitividade está atrelada à nossa baixa produtividade", afirma.

**LIBERALIZAÇÃO** Diante desse cenário, consolida-se a visão de que aumentar a exportação de manufaturados depende de uma abertura econômica capaz de inserir o Brasil nas cadeias produtivas globais.

A ideia predominante é de que o país deve negociar essa abertura, reduzindo suas tarifas às importações e subsídios em troca de maior acesso aos mercados de parceiros. Para críticos, porém, essa estratégia não tem funcionado —as negociações com a União Europeia, que se arrastam há anos, seriam um exemplo dessa falha.

"Mesmo que esses acordos sejam concluídos, eles resultam em compromissos de redução de tarifa que levam dez anos ou mais", diz Rios. Para ela, uma abertura unilateral também deveria ser discutida. Poucos, contudo, defendem essa estratégia.

"Uma abertura unilateral até faz sentido do ponto de vista econômico, mas você não vai permitir com que os setores nacionais compensem essa maior competitividade interna com a facilidade de entrar em outros mercados", afirma Bonomo.

### **BNDES diz que linha de R\$ 5 bi a empresas com dificuldades não é para acionista**

26/10/2016 – Tribuna PR

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) frisa que a intenção da linha de R\$ 5 bilhões que lançou para empresas em dificuldades financeiras não é financiar sócios ou acionistas.

"Não é um hospital, não vamos financiar sócios, acionistas, a ideia é financiar bons projetos que tenham investidores interessados em assumir o comando e conduzir a empresa, com as devidas garantias", afirmou a diretora de Mercado de Capitais do BNDES, Elaine Lustosa, durante painel no Congresso TMA Brasil, que acontece em São Paulo.

Segundo ela, o objetivo do BNDES é evitar que as companhias cheguem a recuperação judicial. Mas acrescentou que a linha pode ser acessada por investidores de empresas nessa situação desde que tenham interesse em recuperar a empresa e apresentem garantias adequadas para tomar o financiamento.

Lustosa destacou ainda a importância do alinhamento das companhias a regras de compliance e boa governança. A diretora de Mercado de Capitais afirmou que para o acesso à linha do BNDES o acionista controlador terá de concordar em abrir mão dessa posição.

"É muito mais fácil manter o controle e conseguir renegociar do que vender o controle. Mas essa é uma avaliação de custo benefício e muitas vezes é melhor ele transferir e se livrar dos passivos que estão atrelados a determinado projeto", afirmou.

O projeto a que Elaine Lustosa se refere é o ativo que o investidor financiará a compra junto ao BNDES. Segundo ela, o BNDES estabeleceu liberar recursos para financiamentos a projetos com um mínimo de R\$ 20 milhões.

## **O que está por trás da queda do dólar, que chegou ao menor patamar em 16 meses**

26/10/2016 – Gazeta do Povo

***Na segunda-feira (24), a moeda fechou em R\$ 3,12. Perspectiva de aumento na entrada de recursos estrangeiros influencia o resultado***



A melhora nas expectativas do mercado financeiro levou o dólar a alcançar na segunda-feira (24) a maior baixa desde junho de 2015, fechando em R\$ 3,12. No início da tarde desta terça, a moeda caía 0,32%, chegando a R\$ 3,11. A Lei da Repatriação, que arrecadou mais de R\$ 33,1 bilhões, foi uma das razões para a valorização do real, mas não a única.

Para o diretor da Câmbio Curitiba, Nicolas Berhorst, a redução na taxa básica de juros para 14% ao ano e o comprometimento do governo em aprovar as reformas para reduzir o endividamento público lançam bases para uma retomada do setor produtivo, o que melhora as perspectivas dos agentes econômicos. “A melhora das expectativas se deve à tendência de aumento de investimentos em infraestrutura e de produção”, afirma.

O analista econômico da RC Consultores Everton Carneiro avalia que a entrada de recursos por meio da repatriação teve um forte impacto sobre a redução das divisas nesta semana, mas que no longo prazo a melhora da confiança na economia é o que deverá puxar a valorização do real. “Nós vemos uma melhora nas perspectivas futuras, mas esse é um fundamento frágil. Os indicadores econômicos ainda estão ruins e a questão política não foi estabilizada”, acrescenta.

Diante deste cenário, o Boletim Focus, que reúne as perspectivas do mercado financeiro, prevê o câmbio a R\$ 3,20 até o fim deste ano, assim como a RC Consultores. Já o sócio-diretor da consultoria Tendências, Nathan Blanche, vislumbrou em entrevista ao O Globo uma taxa entre R\$ 3,10 e R\$ 3,30, mas não descartou que o dólar fique abaixo dos R\$ 3.

Até 31 de outubro, prazo final para a repatriação de recursos mantidos fora do Brasil de maneira irregular, o governo estima que uma arrecadação superior a R\$ 50 bilhões em multas e impostos. Além disso, caso seja aprovada, a [PEC do Teto de Gastos](#), que terá a sua segunda votação nesta terça-feira (25), contribuirá para a entrada de capital estrangeiro e valorização da moeda brasileira, avaliam economistas.

### ***Swaps***

No ano, o real foi uma das divisas que tiveram a maior apreciação ante o dólar em todo o mundo, de 22,4%. Como consequência desse movimento, o Banco Central passou a reduzir os swaps cambiais para segurar a alta do dólar.

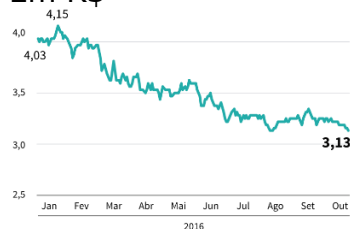
No início do ano, o estoque de moedas no mercado futuro era de US\$ 108 bilhões. Hoje, está um pouco abaixo de US\$ 30 bilhões. Em 1.º de novembro, o governo deverá retirar mais US\$ 3,5 bilhões.

## Câmbio

No acumulado do ano, o dólar teve uma queda de 22,4% e registrou na segunda-feira (24) a menor cotação em 16 meses:

### Dólar

Em R\$



Fonte: Banco Central. Infografia: Gazeta do Povo.

### **Dólar turismo custa entre R\$ 3,22 e R\$ 3,38**

Euro varia entre R\$ 3,53 e R\$ 3,65 nas casas de câmbio do Rio.

Com a queda do dólar comercial — que puxa consigo o dólar turismo — poucos meses antes da temporada de férias, as casas de câmbio já começam a ficar movimentadas. À procura pelas melhores barganhas, muitos consumidores vão comprando aos poucos, de acordo com o movimento das cotações.

Nesta manhã, por exemplo, tanto o dólar turismo quanto o euro saíam mais em conta na DG Corretora. Em dinheiro, a moeda americana era negociada a R\$ 3,22, já somado o Imposto de Operações Financeiras (IOF) de 1,1%. No cartão pré-pago, a divisa saía a R\$ 3,42, enquanto o euro chegou a R\$ 3,53 no papel-moeda e R\$ 3,75 no plástico.

Na Cotação, por outro lado, encontravam-se os maiores preços para ambas as moedas. O dólar em espécie saía a R\$ 3,38. Já para crédito no cartão pré-pago, o valor era de R\$ 3,51. O euro em espécie era vendido por R\$ 3,65, enquanto no cartão pré-pago saía a R\$ 3,81.

A Western Union, no período da manhã, cotava o dólar a R\$ 3,34 e R\$ 3,48, em papel e plástico, respectivamente. Já a moeda europeia chegou a R\$ 3,61, em espécie, enquanto no cartão saía a R\$ 3,78.

Por fim, no Itaú, para compras até US\$ 1.000, o dólar em espécie saía a R\$ 3,34. No cartão, para a aquisição de até US\$ 650, a moeda americana custava R\$ 3,53. Para a compra de até € 800, o valor de cada euro era de R\$ 3,64. Já o crédito de até € 1.320 no plástico deixava a cotação em R\$ 3,83.

## **Arminio: política monetária está com foco em trazer inflação para meta**

26/10/2016 – Tribuna PR

O sócio da Gávea Investimentos e ex-presidente do Banco Central (BC), Arminio Fraga, afirmou nesta terça-feira, 25, que a política monetária está "muito bem". "Vejo a política monetária muito bem, focando como sempre em trazer a inflação para a meta com uma estratégia bem definida. A mudança é grande no que está sendo proposto e votado na área fiscal. O Brasil precisa de um reforço importante na área fiscal", afirmou o economista, na saída de uma palestra na Rio Oil & Gas.

Segundo Arminio, esse reforço na área fiscal é necessário tanto para o País sobreviver quanto para "jogar no ataque, criar condições para lá na frente ter um juro mais baixo,

acabar com aquela esquizofrenia do passado, em que outras áreas do governo tentavam desfazer o que o BC fazia e, com isso, produzia o juro mais alto do planeta”.

O ex-presidente do BC reforçou sua confiança na aprovação de uma reforma na Previdência, após a aprovação do limite no crescimento dos gastos. “Pode ser mais difícil, mas a sociedade já entendeu que o Brasil quebrar é pior para todo mundo. É uma questão objetiva. O que vai ajudar a reduzir o desemprego e criar confiança para o País voltar a investir? Abordar essas questões, que passa por esse passo certamente difícil, mas acho possível”, afirmou o economista.

Arminio também acredita que pode haver elevação na carga tributária no futuro, o que funcionaria como uma estratégia para acelerar o ritmo da consolidação fiscal, facilitando o processo de queda nos juros.

## **Cinco coisas que você precisa saber sobre o projeto que limita o gasto público**

26/10/2016 – Gazeta do Povo



A Câmara deve votar nesta terça-feira (25) em segundo turno a PEC 241, que estipula um teto para os gastos públicos. O projeto estabelece que os gastos de todos os poderes só podem ser corrigidos pela inflação pelos próximos 20 anos – há uma revisão prevista após o décimo ano para ajustes.

Na prática, o projeto vai fazer com que o país deixe de fazer aumentos reais do gasto. Isso mesmo se a economia crescer bem nos próximos anos. O resultado é o retorno de superávits que farão com que a dívida pública possa ser controlada.

Os críticos do projeto dizem que a PEC leva a cortes nos gastos, podendo atingir até mesmo áreas sensíveis, como saúde e educação. É uma observação pertinente sobre os efeitos do teto, mas é exatamente para limitar os gastos que ele serve.

Em cinco passos, tentamos explicar melhor por que o teto está sendo criado e seus efeitos de longo prazo.

### **1. Sim, a situação está difícil**

Não existe argumento para se negar que a situação das contas públicas está precária. Neste ano, o governo central (conta sem estados e municípios) vai gastar quase 20% do PIB. A receita será de 17,2% do PIB. A diferença entre as duas contas é um déficit primário de R\$ 179 bilhões.

Essa é a conta antes do serviço da dívida, ou seja, sem contar os juros da dívida pública. Com eles, o déficit beira os 10% do PIB. Com esse desequilíbrio, o governo precisa tomar mais dinheiro emprestado – a dívida pública estava em 51% do PIB no fim de 2013 e está hoje em 70% do PIB.

No período, o país perdeu o grau de investimento (considerado um selo de bom pagador) porque o endividamento é bastante superior ao de outros países emergentes.

## **2. Era preciso mexer na Constituição**

A deterioração das contas públicas não é assunto novo. Entrou no radar de economistas em 2013 e 2014, mas só em 2015 o governo Dilma resolveu restringir o gasto público. Foram tomadas algumas medidas, como mudanças nas regras para concessão de pensões por morte, e outras, como a volta da CPMF, fracassaram.

O governo tem duas opções, restringir os gastos ou aumentar impostos. A primeira saída, neste momento de economia enfraquecida, é melhor. Para dar certo, o corte tem de ser sustentável no longo prazo, dando ao mercado a certeza de que o país voltará a produzir superávits fiscais nos próximos anos. Como o orçamento no Brasil é bastante engessado, era mesmo necessário mudar a Constituição.

## **3. O teto é um instrumento eficiente**

A equipe econômica poderia ter feito uma mudança mais gradual, permitindo, por exemplo, algum aumento acima da inflação para algumas áreas. A escolha pelo teto puro e simples é porque ele traz um horizonte de retorno dos superávits primários depois de quatro ou cinco anos – a previsão é que os superávits (necessários para se reduzir a dívida) voltem em 2022 e a dívida pare de subir em 2025, quando chegar perto de 100% do PIB. Um instrumento mais flexível poderia demorar sete, oito anos para funcionar.

## **4. Ele pode precisar de ajustes**

O governo já permitiu ajustes no seu projeto. Primeiro, permitiu um aumento nos gastos com saúde. Depois, aceitou que ele seja revisto em dez anos. Em um cenário muito otimista, em que o crescimento econômico volte com muita força e os juros caíam para patamares muito baixos, o governo pode chegar a superávits primários elevados, de 5% ou 6% do PIB antes dos dez anos previstos em lei.

Nesse caso, a equipe econômica teria novas opções: reduzir rapidamente a dívida pública, reduzir a carga tributária (talvez até com uma reforma mais ampla) ou propor alguma elevação nos gastos para recompor investimentos e programas públicos. Lembrando que, se valer por 20 anos do jeito que foi proposta, a PEC reduzirá o gasto per capita do governo em todas as áreas.

## **5. Se aprovado, o teto melhora a economia**

Uma proposta de longo prazo para as contas públicas tem um mérito inegável: permite que o mercado já “coloque no preço” essa melhora futura. Isso significa que os juros podem cair mais rapidamente, assim que a inflação mostrar estar sob controle.

Juros mais baixos (antecipando a melhora no perfil da dívida pública) permitem mais crescimento econômico no longo prazo. Indiretamente, o teto ajuda no controle da inflação (tira a demanda pública como fator de aumento de preços) e reduz o risco de elevação de tributos (o que também é positivo para os negócios).

## **Governo espera iniciar consulta para contestar sobretaxa dos EUA ao aço**

26/10/2016 – Tribuna PR

O governo brasileiro deverá solicitar, ainda neste ano, uma consulta à Organização Mundial do Comércio (OMC), o primeiro estágio do processo de solução de controvérsias que será utilizado para questionar os Estados Unidos a respeito da recente sobretaxação de produtos siderúrgicos brasileiros.

De acordo com o secretário-executivo do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), Fernando Furlan, primeiro haverá uma consulta bilateral entre o Brasil e os Estados Unidos, na tentativa de chegar a um acordo e evitar a “judicialização” do caso na OMC.

A abertura da consulta foi autorizada na última reunião da Câmara de Comércio Exterior (Camex), em setembro, a primeira do governo Temer. O material está sendo preparado pelo Itamaraty e o MDIC.

“Se não houver acordo, o que é o mais comum, embora nossa aposta seja de que se possa chegar a esse acordo, entraremos na fase seguinte, que é o pedido de formação de um painel de especialistas para uma decisão”, afirmou Furlan após participar do Congresso Latinoamericano de Aço (Alacero), no Rio. Segundo ele, a decisão do painel costuma levar em média um ano.

O governo americano acusa o Brasil de dar subsídios à fabricação de aços laminados a frio e a quente. Por isso, sobretaxou os materiais. Já o governo brasileiro alega que as medidas tomadas no País não configuram vantagem indevida às companhias nacionais, e por isso tentará reverter a decisão, que prejudica, sobretudo, as vendas da CSN e da Usiminas.

A grande preocupação do governo brasileiro é de que a aplicação de medidas compensatórias (sobretaxa ao imposto de importação desses produtos) pelos americanos é calcada em acusação a mecanismos de apoio à indústria como extarifário, linha Finame do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e draw back, taxados pelos Estados Unidos de subsídios.

“O Brasil tem pressa. Não é trivial porque se trata da primeira contestação perante o organismo responsável pela definição de regras de comércio internacional de nossos programas, essenciais para a competitividade da nossa indústria”, explicou Furlan.

### **CSN diretamente afetada**

O diretor executivo da CSN, Luís Fernando Martinez, afirmou que as medidas americanas afetam diretamente a companhia.

“Não posso mais mandar bobina a quente para nossa planta nos Estados Unidos. É um contraste muito grande. Estou gerando empregos lá e não consigo levar matéria-prima”, disse no evento. Para tentar compensar essa perda, a CSN vem tentando complementar o portfólio da laminadora CSN LLC, nos Estados Unidos, com produtos brasileiros.

Para Martinez, o que existe no mundo hoje é uma guerra de moedas e uma crise de protecionismo. “A questão da defesa comercial entrou na agenda das empresas do setor”, disse.

## **No mundo, igualdade deve demorar 170 anos**

26/10/2016 – Tribuna PR

O panorama traçado no Relatório de Desigualdade Global de Gênero 2016 não mostra estagnação apenas no Brasil. Para os especialistas, no atual ritmo, o mundo terá uma paridade econômica entre os sexos apenas em 2186. Ou seja, em 170 anos.

Os estudiosos foram obrigados a recalcular suas projeções depois que identificaram que os avanços foram freados. Inicialmente, a estimativa era de que a lacuna econômica poderia ser fechada em 118 anos, ou seja, no ano de 2133. “No entanto, o progresso foi revertido desde então”, alertou o relatório.

“O mundo está enfrentando um mal-uso agudo de talento ao não agir mais rápido para enfrentar a oportunidade de se desenvolverem”, alerta a entidade.

O Relatório de Desigualdade Global de Gênero 2016 também aponta para o fato de mulheres ao redor do mundo ganharem, em médio, pouco mais da metade do que os

homens ganham, “apesar de trabalharem, em média, mais horas, levando em consideração trabalho remunerado e não remunerado”.

O número de mulheres em altos cargos também se mantém persistentemente baixo. De acordo com o levantamento, apenas quatro países no mundo têm número igual de mulheres e homens de legisladores, oficiais de alto escalão e gerentes.

Apesar dessa realidade, em 95 países, há tanto quanto, se não mais, mulheres com educação em nível universitário.

A entidade também revela que a desigualdade de gênero permanece grande na esfera política. Hoje, somente dois países alcançaram a paridade no parlamento entre homens e mulheres e apenas quatro alcançaram paridade em funções ministeriais.

## **País levará 100 anos para igualar salários dos dois sexos**

26/10/2016 – Tribuna PR

A diferença salarial entre mulheres e homens no Brasil é uma das maiores do mundo e equiparar a condição dos dois sexos no País levará um século. Essas são algumas das conclusões do Relatório de Desigualdade Global de Gênero 2016 do Fórum Econômico Mundial, publicado hoje em Genebra.

De acordo com o levantamento, as sociedades mais igualitárias são as escandinavas. O primeiro lugar é da Islândia, seguida por Finlândia, Noruega e Suécia, ao se considerar todos os aspectos econômicos, políticos, de saúde e de educação.

Entre 144 países avaliados, o Brasil ocupa apenas a 129.<sup>a</sup> posição no que se refere especificamente à igualdade de salários entre gêneros. Países criticados por violações aos direitos das mulheres, como Irã, Iêmen e Arábia Saudita estão em melhor posição que o Brasil.

Para equiparar as condições econômicas de homens e mulheres, serão necessários 95 anos se o atual ritmo de progresso for mantido. Em termos gerais, incluindo política, educação e outros aspectos sociais, equiparar as condições entre gêneros no País levará 104 anos.

Segundo o Fórum Econômico Mundial, a taxa brasileira é melhor que a média mundial, de cerca de 170 anos. Mas, ainda assim, o ritmo de avanço é considerado como “lento demais”.

O estudo aponta que a presença de Dilma Rousseff no cargo de presidente nos últimos anos fez o Brasil subir no ranking geral da entidade, passando da 85.<sup>a</sup> posição para a 79.<sup>a</sup> entre 2014 e 2015. Mas a classificação ainda é pior do que dez anos atrás, quando o Brasil ocupava a 67.<sup>a</sup> posição. Hoje, o País fica atrás dos 17 outros países latino-americanos.

O desempenho do Brasil pode cair nas próximas edições do ranking, após o afastamento de Dilma e a posse de um governo com um número reduzido de mulheres em cargos de confiança ou ministeriais.

A disparidade econômica entre homens e mulheres no Brasil é um dos fatores que mais impedem o avanço no ranking. Nesse quesito, o País ocupa a modesta 91.<sup>a</sup> posição entre 144 países e é superado por Paraguai, China, Camboja e Chade.

O Brasil é ainda um dos seis países do mundo onde a diferença salarial entre homens e mulheres em cargos executivos é de mais de 50%. Além disso, a presença de brasileiras no mercado de trabalho também é menor: 62% ante 83% de homens. Isso



coloca o Brasil na 87.<sup>a</sup> posição por esse critério. No que se refere à renda média, a brasileira ganha por ano US\$ 11,6 mil. Já a renda média dos homens brasileiros é de US\$ 20 mil.

Na América Latina, os especialistas indicam que, se o ritmo for mantido, a “lacuna econômica de desigualdade de gênero” será fechada em apenas seis décadas.

### **Cargos**

Na política, a presença feminina também é pequena, mesmo que em 2015 a Presidência fosse ocupada por uma mulher. O Congresso ocupa o 120.<sup>o</sup> lugar entre os países com melhor representação feminina.

Antes mesmo de Michel Temer assumir o governo, o Brasil era apenas o 83.<sup>o</sup> quando o assunto era ministérios ocupados por mulheres. Na educação, a diferença entre homens e mulheres voltou a crescer pela primeira vez em cinco anos. O ponto positivo ficou no acesso à saúde, em que o País aparece em 1.<sup>o</sup> lugar.

## **Importação de bens de capital aumenta, aponta FGV**

26/10/2016 – Tribuna PR

Embora a atividade econômica tenha decepcionado em agosto, conforme os resultados apresentados pelos indicadores do Banco Central (IBC-BR) e da Fundação Getúlio Vargas (pelo Monitor do PIB), os dados da balança comercial brasileira mantêm a percepção de um cenário mais favorável no terceiro trimestre do ano tanto para a indústria quanto para os investimentos.

A importação de bens de capital aumentou 9,1% no terceiro trimestre ante o mesmo período do ano anterior. Ao mesmo tempo, a importação de bens intermediários para a indústria de transformação avançou 17,8%, segundo o Indicador Mensal da Balança Comercial apurado pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), obtido com exclusividade pelo **Broadcast**, sistema de notícias em tempo real do Grupo Estado.

“Há sinais de recuperação, mas não são sinais de uma forte recuperação”, disse Lia Valls, coordenadora de Estudos do Comércio Exterior do Ibre/FGV.

O levantamento ainda não traz dados dessazonalizados. O indicador integra o conjunto de informações usadas para o cálculo do Monitor do PIB da FGV e entrará na grade de divulgações da FGV após um período de possíveis ajustes de metodologia. O resultado de setembro para a importação de bens intermediários foi ainda melhor do que o de agosto, quando a média móvel trimestral foi de 10,0%, primeiro resultado positivo após dois meses sucessivos de quedas.

Na direção oposta, o desempenho da importação de bens de capital esteve melhor em meses anteriores: a média móvel do volume importado tinha avançado 30,4% em agosto, após altas de 36,8% em julho e 31,9% em junho. “O País registrou importação recente de trens, vagões. Esses são itens que não se repetem de um mês para outro”, justificou Lia Valls.

No acumulado de janeiro a setembro deste ano, o volume importado de bens de capital está 10,5% maior que no mesmo período do ano passado, enquanto o de bens de consumo intermediários reduziu o ritmo de queda para -7,7%.

“De qualquer maneira, você está importando mais em 2016, então reflete possivelmente alguma melhora no nível de atividade em relação a 2015, obviamente nada muito pronunciado, porque se for comparar com 2014, ainda está pior”, disse a coordenadora do Ibre/FGV.

Outro bom sinal sobre a indústria vem do bom desempenho da venda de manufaturados no exterior. As exportações de não commodities cresceram 17,4% em setembro ante o mesmo mês do ano anterior.

No acumulado de janeiro a setembro, as exportações de não commodities estão 13,4% acima do mesmo período de 2015. Segundo Lia Valls, o escoamento da produção interna para o mercado externo foi impulsionado pelo cenário de recessão no País e pela desvalorização do real em relação ao dólar.

### **Entidades pedem ao STF adiamento de julgamento sobre 'desaposentação'**

26/10/2016 – Tribuna PR

A Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas (Cobap) e o Instituto Brasileiro de Direito Previdenciário (IBDP) pediram à presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministra Cármen Lúcia, o adiamento do julgamento da chamada "desaposentação", previsto para esta quarta-feira (26).

A Cobap fundamenta o pedido de adiamento na "eminente reforma da Previdência, alardeada à exaustão pelo atual governo, onde haverá a oportunidade de amplo diálogo com a sociedade sobre o tema".

"A desaposentação é um caminho sem volta, todos os anos é objeto de projeto de lei e amplo debate nos meios sociais e Poder Legislativo, inclusive o voto do relator ministro Roberto Barroso exige um debate sobre a forma de cálculo de novo benefício, motivo mais que suficiente para adiar o julgamento", afirma a Cobap.

O Instituto Brasileiro de Direito Previdenciário vai na mesma direção, ressaltando que as mudanças na Previdência Social têm dominado as páginas dos jornais. "O que se vislumbra do noticiário político é que há possibilidade, nesta ocasião, de uma ainda mais profunda alteração do sistema previdenciário (...) É notório, e esse elemento já foi reconhecido pela doutrina especializada, que os processos de reformas previdenciárias são estopim para cenários de explosão de litigiosidade", argumenta o instituto.

A discussão do adiamento do julgamento deverá ser levantada pela ministra Cármen Lúcia, durante a sessão ordinária desta quarta-feira. Segundo o Broadcast Político, sistema de notícias em tempo real do Grupo Estado, apurou, a tendência é que a decisão pelo adiamento ou não seja tomado pelo conjunto dos ministros da Corte, e não apenas por Cármen.

### **Produção de cobre da Antofagasta aumenta no 3º TRI, mas frustra analistas**

26/10/2016 – Tribuna PR

A produção de cobre da mineradora chilena Antofagasta aumentou no trimestre até setembro, mas o resultado frustrou analistas, já que ela caminha para uma faixa de produção menor de cobre em todo o ano de 2017. A companhia, que integra o índice FTSE-100 da Bolsa de Londres, informou que produziu 180 mil toneladas de cobre nos três meses até 30 de setembro, uma alta de 8,7% na comparação com o trimestre anterior, após a mina de cobre Antucoya atingir total produção em agosto.

A Antofagasta reafirmou que espera produzir num patamar perto da mínima na faixa prevista pela própria empresa para este ano, de entre 710 mil e 740 mil toneladas. Os resultados foram recebidos com certo ceticismo pelo mercado. Às 8h25 (de Brasília), a ação da Antofagasta recuava 6,11% na Bolsa de Londres.

"Na nossa visão, a gerência está lentamente orientando a produção de 2017 para abaixo da faixa prevista sem oficialmente rebaixar essa diretriz", disse o analista Fawzi Hanano, da Berenberg. Na avaliação do Citigroup, a faixa de produção prevista pela companhia "está um pouco esticada".

Além disso, a empresa disse que a produção de cobre em 2017 deve ficar entre 685 mil toneladas e 720 mil toneladas. A mineradora também disse que trabalha para responder a novas alegações levantadas pela autoridade ambiental chilena em sua mina Los Pelambres.

## **Economia e indústria do aço devem voltar a crescer em 2017**

26/10/2016 – Bem Paraná

O presidente da Associação Latino-Americana de Aço (Alacero), Jefferson de Paula, previu nesta terça-feira (25), durante congresso do setor, uma "animadora recuperação da economia e da indústria do aço para a América Latina em 2017".

Em entrevista coletiva no Congresso Alacero & Expo Alacero que acontece até amanhã no Rio, Jefferson de Paula - que também é CEO da ArcelorMittal Aços Longos para as Américas Central e do Sul e membro do Comitê Executivo do Grupo ArcelorMittal - destacou que, "o cenário econômico mundial mostra sinais de recuperação, com projeção de crescimento de 3,4% já em 2016".

Segundo ele, a China "deve continuar desacelerando" sua economia, mesmo tendo registrado crescimento de 6,7% no terceiro trimestre deste ano. Já a América Latina, mesmo na delicada situação econômica pela qual vem atravessando, deve dar "um giro positivo", uma vez que organismos internacionais esperam crescimento de 1,6% [no continente] para o ano que vem, falou. No Brasil, segundo ele, "as expectativas para o próximo ano são animadoras, apoiadas por uma vontade política disposta a sair da crise".

A avaliação do executivo é de que a América Latina consumirá 64,8 milhões de toneladas de aço em 2016, volume 6,5% menor do em 2015, mas deverá fechar 2017 com crescimento de 3,6%, em relação a 2016. Segundo ele, isto ocorrerá porque há a expectativa de avanços significativos no consumo de aço nos principais mercados da região: México, Brasil, Argentina e Colômbia, que projetam aumento no setor de, respectivamente, 3,2%, 3,8%, 5,8% e 3,9% para o próximo ano.

Jefferson de Paula lembra que o Brasil viu, em 2015, a sua indústria do aço diminuir de tamanho e regredir aos níveis de 2006 e 2007, "evidenciando os graves efeitos deixados pela crise da qual o país tenta se livrar". Ele acredita, no entanto, que "o pior já ficou para trás e que o país está caminhando a passo firme para recuperar as perdas".

Para o executivo, no entanto, há ainda um longo caminho em direção à recuperação plena das economias dos países da América-Latina. "Muitos são os desafios. A região deve realizar suas reformas estruturais, alcançar uma maior integração econômica regional, promover diversificação de suas exportações, maior investimento doméstico e estrangeiro e obter uma maior segurança institucional".

De Paula defendeu a necessidade de se promover "políticas que fomentem a competitividade e a industrialização, definir e aplicar uma estratégia integral frente às importações chinesas, reforçar o combate ao comércio desleal, utilizar políticas aduaneiras eficientes e efetivas que garantam o cumprimento dos padrões de qualidade exigidos e, por último, reforçar a cadeia de valor com a indústria manufatureira".

## **Volkswagen vai pagar US\$ 14,7 bilhões em indenizações por veículos adulterados**

26/10/2016 – Gazeta do Povo



Um juiz dos Estados Unidos deu nesta terça-feira (25) sua aprovação final à indenização de US\$ 14,7 bilhões oferecida pela Volkswagen (VW) aos donos de automóveis a diesel dotados de um dispositivo que os fazia parecer menos poluentes. A sentença foi um grande passo para que a gigante alemã possa começar a deixar para trás o escândalo e se encaminhar a recompor suas vendas.

O juiz Charles Breyer disse em sua sentença que a proposta da VW compensa “adequadamente e equitativamente” os donos dos veículos.

Os proprietários de cerca de 480 mil automóveis de motores a diesel de dois litros poderão optar por revendê-los à companhia, encerrar seu “leasing” ou solicitar consertos gratuitos. Todos, além disso, receberão até US\$ 10.000 à vista.

Além de pagar essas indenizações, a VW criará um fundo de US\$ 2,7 bilhões para danos ambientais e destinará US\$ 2 bilhões para promover as “emissões zero” dos automóveis nos Estados Unidos.

A decisão do juiz servirá para reanimar a VW após o escândalo que fez suas vendas despencarem e a obrigou a reservar bilhões de dólares para enfrentar os processos judiciais.

A empresa deve ainda conseguir outro acordo diferente que abrange 80 mil veículos VW, Audi e Porsche cujos motores de 3 litros também tinham esse dispositivo.

“É um rito importante em nosso caminho para fazer as coisas corretamente nos Estados Unidos e valorizamos os esforços de todas as partes envolvidas no processo”, disse em nota sobre o acordo Hinrich Woebcken, presidente da VW América.

## **Paraná é o estado líder de exportação de sete produtos**

26/10/2016 – Bem Paraná

O Paraná liderou, nos primeiros nove meses do ano, as exportações de sete produtos no País, todos do agronegócio. O Estado é o maior exportador de óleo de soja bruto, de óleo de soja refinado, de carne de frango in natura, de adubos e fertilizantes, café solúvel, madeira compensada e madeira laminada, de acordo com levantamento realizado pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico Social (Ipardes), com dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex).

“O Paraná tem tradição exportadora, graças, principalmente, ao agronegócio”, diz Julio Suzuki Júnior, diretor presidente Ipardes. “As vendas externas têm, proporcionalmente, uma participação maior na economia estadual do que a média no Brasil. As exportações representam 12% da economia paranaense, contra de 9% a 10% da economia brasileira”, explica.

De acordo com ele, a diversificação da economia do Estado nos últimos anos também gerou boas colocações em outros produtos, com a segunda colocação nas exportações de automóveis, tratores, máquinas de terraplanagem e perfuração e motores para veículos.

O Paraná tem uma representação maior nas exportações brasileiras do que na economia como um todo. De janeiro a setembro, as exportações do Paraná representaram 8,5% do total embarcado pelo País. O Estado, porém, representa cerca de 6% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro.

## **RANKING**

De janeiro a setembro, o Estado respondeu por 35,4% das exportações de frango in natura, com US\$ 1,62 bilhão, à frente de Santa Catarina, com 21,3% (US\$ 971,6 milhões) e Rio Grande do Sul, com 17,3% (US\$ 791,5 milhões).

A participação mais expressiva, no entanto, é em madeira compensada, com 70,9% (US\$ 248,4 milhões), à frente de Santa Catarina, com 26,6% (US\$ 93,1 milhões) e Pará, com 1,3% (US\$ 4,63 milhões) do total embarcado pelo país.

Na madeira laminada, o Estado exportou US\$ 8,5 milhões, o que representou 43,3% do total, seguido por Santa Catarina, com 25,1% (US\$ 4,96 milhões) e Rondônia, com 14,6% (US\$ 2,89 milhões).

Em café solúvel, o Paraná somou embarques de US\$ 214,4 milhões, ou 52,7% do total, seguido por São Paulo, com 38,9% (US\$ 158,54 milhões) e Espírito Santo, com 7,8% (US\$ 31,72 milhões).

## **COMPLEXO SOJA**

Em óleo de soja bruto, o Estado representou 44,2% do total embarcado pelo País, com US\$ 309,9 milhões, seguido pelo Rio Grande do Sul, com 22,6% (US\$ 158,6 milhões), e Mato Grosso, com 15,6% (US\$ 109,5 milhões). Os embarques de óleo de soja refinado do Paraná somaram US\$ 25,1 milhões de janeiro a setembro, 37% do total. Em segundo lugar ficou Mato Grosso, com 24,8% (US\$ 16,8 milhões) e Goiás, com 21,8% (US\$ 14,8 milhões).

## **TODOS OS PRODUTOS**

Incluindo todos os produtos, as exportações do Paraná chegaram a US\$ 11,85 bilhões nos primeiros nove meses do ano, 2,2% superiores ao mesmo período do ano passado.

O ritmo de crescimento nos últimos meses diminuiu com o fim da safra de soja e com o efeito do câmbio sobre as exportações. Ainda assim, o resultado do Paraná é melhor do que o do Brasil, que registrou uma redução de 3,55% nas exportações até setembro, para US\$ 139,4 milhões.

## **MERCADOS**

Os três maiores mercados do Paraná aumentaram suas encomendas nos primeiros nove meses do ano. A China ampliou em 10,11% as suas compras, que somaram US\$ 3,16 bilhões.

A Argentina importou 30,57% mais do Paraná, com um volume acumulado de US\$ 1,07 bilhão. Os Estados Unidos, por sua vez, aumentaram 7,72%, para US\$ 580,1 milhões.

As importações, impactadas pelo câmbio e a queda no consumo no mercado interno, seguiram com queda nos primeiros nove meses do ano no Paraná. Passaram de US\$ 9,86 bilhões para US\$ 8,21 bilhões, com retração de 16,7%.

## **Toyota anuncia recall de outros 6 milhões de airbags da Takata**

26/10/2016 – Folha de S. Paulo



A Toyota anunciou recall nesta quarta-feira (26) de outros 5,8 milhões de airbags com defeito fabricados pela marca Takata e instalados em seus veículos, acusados de provocar mortes e ferimentos em todo o mundo.

O recall envolve 1,47 milhão de airbags de carros vendidos na Europa, 1,16 milhão no Japão, 820 mil na China e 2,35 milhões em outras regiões do mundo, com exceção dos Estados Unidos, onde a Toyota já havia feito recall.

A companhia japonesa Takata, com sede em Tóquio, enfrenta denúncias milionárias por um defeito de fabricação em milhões de seus airbags que provocou ao menos 16 mortes.

Com o novo pedido de recall, o número de airbags de Takata retirados do mercado chega a 23,1 milhões.

Os modelos afetados são os Toyota Corolla e Vitz/Yaris produzidos entre maio de 2000 e novembro de 2001 ou entre abril de 2006 e dezembro de 2014, disse o fabricante à AFP.

Em alguns dos casos registrados, os airbags da Takata lançaram metal e plástico nos passageiros durante o processo de inflamento, ferindo condutores e passageiros.

A maioria dos casos de mortes causadas por este problema, que também afeta marcas como Honda, Volkswagen e General Motors, foi registrada em Estados Unidos e Malásia.

## **Líder isolada pela 1ª vez, Fiat diz já ser brasileira**

26/10/2016 – Folha de S. Paulo

Durante 25 anos de existência do Top of Mind, três marcas puderam se gabar de terem vencido todas as edições da história do prêmio: Omo, Kibon e Volkswagen. Na edição 2016, no entanto, uma delas perdeu o posto.

A Fiat, pela primeira vez, figurou como a mais lembrada na categoria Carro. A vitória sobre a Volks aconteceu no desempate (49% a 45%).

"O Top of Mind representa muito para nós porque ninguém acorda pensando: 'o que tal marca fará por mim hoje?'. Então, quando alguém responde que Fiat é a marca lembrada, significa que a gente achou uma maneira de ser relevante", diz a gerente de publicidade da marca de origem italiana, Maria Lúcia Antônio.

### **Os vencedores**

Pela primeira vez em 25 anos de Top of Mind, a Fiat se tornou líder isolada da categoria Carro Por: Rafael Justo / Folhapress 25/10/2016

"Acho que conseguimos isso por estarmos há 40 anos tentando traduzir o que as pessoas esperam de uma marca de carro, pela nossa extensa gama de automóveis e porque conseguimos antecipar necessidades."

A executiva acredita que, apesar da origem italiana, a marca se tornou brasileira. "Neste ano, fizemos os lançamentos de Toro e Mobi, marcas que ajudaram na renovação do portfólio da Fiat", diz.

### **Top Transporte**

Não foi a primeira vez, mas teve gosto de estreia a vitória da Mercedes-Benz entre os Caminhões. A categoria não figurava na pesquisa desde 2009.

"O prêmio representa muito. A marca ganhou no passado e [o segmento] ficou muito tempo fora. No momento em que a companhia celebra 60 anos no Brasil, mostra que nosso trabalho foi bem-feito", afirma Roberto Leoncine, vice-presidente de vendas e marketing.

Outro premiado na categoria foi a Pirelli, o pneu mais lembrado.

"O prêmio é uma conquista para nós. É uma satisfação enorme", diz Marco Maria Tronchetti Provera, diretor de marketing para América Latina.

## **Artigo: Chegamos a esse momento?**

26/10/2016 – Folha de S. Paulo



George Bernard Shaw, o brilhante ícone do generoso socialismo "intelectual" fabiano, chamou a atenção para uma verdade: todo o progresso social depende das pessoas não razoáveis. As razoáveis aceitam o mundo como ele é porque creem que é o natural; os não razoáveis lutam para ajustá-lo aos seus desejos. São os inconformados que obrigam os primeiros a repensarem a "naturalidade" do "status quo".

O problema, como apontou outra mente privilegiada, John Maynard Keynes, é que, em matéria econômica, é difícil convencer o seu opositor de que ele está errado. O máximo que você pode fazer é tentar convencê-lo de que seus argumentos não são nem demonstrativos, nem conclusivos.

Toda essa confusão deriva de duas simples e boas razões logicamente perfeitas, mas de digestão difícil: 1ª) os recursos produtivos da sociedade são finitos, mas seus desejos são infinitos e 2ª) só pode ser consumido o que antes foi produzido. Logo, ela tem de criar instituições capazes de coordenar o processo produtivo (que é técnico) com o processo distributivo (que é determinado por quem tem o poder político).

Sem essa harmonização, o resultado é o caos, como provam as centenas de pequenos experimentos de cooperação de inspiração comunista tentados ao redor do mundo no século 19.

O melhor mecanismo que o homem encontrou, por uma seleção histórica quase natural, para harmonizar o que milhares de consumidores livres desejam com o que milhares de produtores livres devem produzir foi o "mercado" cuja eficiência depende

da qualidade de uma instituição inventada por ele, a propriedade privada dos fatores de produção.

A busca da eficiência produtiva foi separando os homens de acordo com os que as compravam (o capitalista), com grandes vantagens produtivas e graves inconvenientes sociais. Com todos os seus problemas e injustiças esse modelo é o único, até agora, que permitiu uma razoável acomodação entre três valores necessários à "sociedade civilizada", mas que não são inteiramente compatíveis: a liberdade individual, a relativa igualdade, complementadas pela eficiência produtiva para que se possa gozar delas.

Esse fato mostra a importância da tolerância e do respeito aos não razoáveis; é do seu inconformismo que vem o incentivo para aumentar a cooperação (que melhora a eficiência produtiva) e a acomodação (que melhora o bem-estar) da sociedade.

Qual é o papel do economista nesse processo? Socorro-me de mais um grande pensador, Milton Friedman: "é criar alternativas às políticas existentes, mantê-las vivas e disponíveis, até que o que parece politicamente impossível torne-se politicamente inevitável". Chegamos a esse momento?

(Antonio delfim Netto- Ex-ministro da Fazenda (governos Costa e Silva e Médici), é economista e ex-deputado federal.)

### **Gerdau aposta em modelo de produção de aço mais sustentável**

26/10/2016 – CIMM

A usina da Gerdau em Maracanaú, região metropolitana de Fortaleza (CE), passou a apostar, recentemente, em um novo processo industrial, mais econômico, com menor consumo de gás natural, além de gerar menos resíduos industriais. O processo adotado, chamado de laminação direta, é caracterizado pela passagem da matéria-prima, ainda em alta temperatura, da etapa de solidificação do metal fundido para o acabamento final, sem uso de forno de reaquecimento.

Isso gera maior rendimento produtivo e menos impactos ambientais. Dessa forma, a Empresa se torna pioneira na América Latina a utilizar esse modelo, que passará a ser replicado em suas demais unidades. Na usina de Maracanaú, os ganhos econômicos chegaram a mais de R\$ 1,5 milhão por ano.

Com capacidade instalada de 200 mil toneladas de aço bruto e 160 mil toneladas de laminado por ano, a unidade da Gerdau no Ceará foi a primeira produtora de aço inaugurada no estado. Sua produção é destinada à construção civil e à indústria.

### **Fábrica de embalagens expande produção em 80% em Valinhos**

26/10/2016 – CIMM

A SER embalagens ampliou em 80% sua produção de caixas de papelão ondulado em Valinhos (SP) em nova fábrica mais próxima às principais rodovias que cortam a cidade. A mudança envolveu investimento de R\$ 6 milhões, com a contratação de 25 funcionários além dos 20 que já existiam na unidade antiga.

O projeto conta com apoio da Investe São Paulo, agência de promoção de investimentos e exportação ligada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado de São Paulo.

"A SER, como as outras empresas que atendemos, entende que o mercado consumidor do Estado de São Paulo deve continuar a crescer mesmo com a crise. E o setor de



embalagens deve ser um dos primeiros se beneficiar com isso, já que acompanha o de bens de consumo", explica o presidente da Investe São Paulo, Juan Quirós.

"Desde 2013, Valinhos é uma cidade em pleno progresso e desenvolvimento. O fruto do trabalho na atração de novas empresas pode ser sentido constantemente com a divulgação dos empreendimentos industriais. Temos a agradecer aos empresários, que confiam seus empreendimentos em uma cidade com qualidade de vida, e à Investe SP, pelo apoio constante", frisou o prefeito de Valinhos, Clayton Machado.

A unidade já está fabricando 45 mil caixas por dia. Esse montante leva a empresa a um faturamento estimado de R\$ 7 milhões ao ano, que representa um percentual de 35% a mais que no ano anterior, com a fábrica antiga.

Mas, segundo Júlia Ferreira de Sousa, presidente da companhia, a fábrica tem capacidade para atingir um rendimento de R\$ 12 milhões anuais caso a demanda pelos produtos aumente.

Pensando também nessa possível expansão, a fábrica foi instalada em um terreno com espaço para crescer: são hoje só 4 mil metros quadrados de área construída dentro de um terreno de 8 mil metros quadrados.

"A expansão permitiu instalarmos a fábrica em um prédio da própria empresa, com maior facilidade para escoamento de nossos produtos e facilidade de acesso de quem vem de outras cidades", explicou Souza.

## **Altas dos juros para pessoa física são puxadas por cartões e cheque, diz BC**

26/10/2016 – EM.com

O chefe do departamento econômico do Banco Central, Tulio Maciel, avaliou nesta quarta-feira, 26, que os juros de crédito livre de empresas começam a mostrar alguma acomodação, mas lembrou para pessoas físicas as taxas continuam subindo, puxadas pelo cheque especial e pelo cartão de crédito.

Questionado se a autoridade monetária estaria estudando intervir nos altos juros cobrados de pessoas físicas, Maciel negou haver qualquer movimento nesse sentido. "Não conheço nenhuma informação sobre atuação do BC para conter alta das taxas de juros do cheque especial e do cartão de crédito", respondeu.

### **Empresas**

Tulio Maciel avaliou também que é possível ver algum sinal de acomodação da queda do estoque de crédito para pessoas jurídicas. Nos recursos livres, a queda do estoque em setembro para as empresas foi de 0,1%, enquanto acumula um recuo de 10,3% no ano até o mês passado e de 8,2% em 12 meses. "O saldo de capital de giro mostrou estabilidade neste mês, após recuos anteriores", detalhou.

Para Maciel, a tendência no crédito para PJ continua a ser de queda, mas com acomodação. "O crédito para empresas continuará caindo, mas a taxas menores", afirmou. "O crédito para pessoas jurídicas com recursos livres é o que mais reflete o ciclo econômico e queda da renda", completou.

### **Crédito às famílias**

O chefe do departamento econômico do Banco Central avaliou que, embora o crédito para as famílias continue caindo, em setembro houve crescimento em algumas modalidades, como o crédito consignado. No mês, houve queda de 0,3% no estoque de financiamentos para pessoas físicas.

"A queda em setembro repercutiu a redução de uso do cartão de crédito à vista, que

havia crescido muito em agosto, quando ocorreu um resultado atípico", afirmou. "A redução na aquisição de veículos também puxou o crédito de pessoa física para baixo. Em setembro as concessões para compra de veículos caíram 8,5%, com o impacto da greve dos bancários", completou.

Já no estoque de crédito consignado, houve aumento de 0,4% em setembro e uma expansão de 5,5% em 12 meses. "É natural que as pessoas tentem sair de uma modalidade de crédito de custo mais elevado, como o cheque especial, para outras mais baratas, como o consignado", explicou.

#### Greve dos bancários

Ele esclareceu também que, mesmo se não houvesse greve dos bancários em setembro, o crédito não reverteria sua trajetória de queda.

"A tendência do crédito é de desaceleração, com expectativa de queda no ano. O resultado de setembro foi prejudicado pela greve, mas isso não significa que haveria reversão dessa tendência se não houvesse tido a paralisação", afirmou.

Segundo ele, mesmo quando a economia voltar a crescer, o crédito deverá se recuperar mais lentamente. "O crédito não irá liderar a retomada econômica, não será o protagonista, mas tende a contribuir com o processo", concluiu.

#### BNDES

Maciel comentou que o recuo de 0,8% no crédito direcionado para empresas tem sido um movimento comum ao longo de 2016. "Essa é uma tendência que vem desde o ano passado", completou.

De acordo com o Maciel, a menor renda prejudica o investimento, e por isso há retração nessa linha de financiamento do BNDES, que representa a maior parte do estoque de crédito direcionado para pessoas jurídicas. "A carteira do BNDES está diminuindo. O recuo do estoque de financiamentos do banco de fomento neste ano já é de 8,8%", destacou.

Maciel lembrou que também houve alterações nas condições dos financiamentos do BNDES, com a alta da TJLP e a redução de linhas com juros subsidiados como o Programa de Sustentação do Investimento (PSI). "Portanto, o cenário macroeconômico e alteração das condições de crédito justificam redução da carteira do BNDES", completou.

#### Corte na Selic

O chefe do Departamento Econômico do Banco Central destacou que o BC espera que o corte da Selic se reflita nas taxas de juros aos tomadores, mas a autoridade monetária não estima um prazo para isso ocorra. "Muitas vezes acontece inclusive uma antecipação de movimento das taxas de juros em relação à Selic, mas em outras vezes há mais defasagem", afirmou.

Segundo ele, já é possível ver um movimento de redução pequena dos juros para empresas. "O capital de giro, por exemplo, já tem a menor taxa (24,7% ao ano) desde julho de 2015", detalhou.

Desconto de duplicatas, antecipação de faturas e outras modalidades também tiveram recuo nas taxas em setembro. "Há uma percepção de melhora no ambiente macroeconômico. Os níveis de incerteza que estavam presentes na economia agora são menores", avaliou.

Por outro lado, o juro do crédito para as famílias continua com taxas crescentes. Os juros do cheque especial (324,9% ao ano), por exemplo, têm batido recordes mês a mês neste ano.

## **Endividamento das famílias cai a 43,1% em agosto, revela Banco Central**

26/10/2016 – EM.com

Brasília - O endividamento das famílias brasileiras com o sistema financeiro passou de 43,3% em julho para 43,1% em agosto, conforme dados divulgados nesta quarta-feira, 26, pelo Banco Central. A instituição começou a fazer o levantamento em janeiro de 2005 e o retrato sobre o nível de dívidas brasileiras passou a ser incorporada na nota de crédito pelo BC em agosto de 2015.

O cálculo do BC leva em conta o total das dívidas dividido pela renda no período de 12 meses e incorpora os dados da Pesquisa Nacional de Amostragem Domiciliar (PNAD) contínua e da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), ambas do IBGE. Se forem descontadas as dívidas imobiliárias, o endividamento apresentou uma baixa em agosto, ficando em 24,4% da renda anual. Em julho, estava em 24,6%.

Ainda segundo o BC, o comprometimento de renda das famílias com o Sistema Financeiro Nacional (SFN) permaneceu estável em agosto (22,2%). Descontados os empréstimos imobiliários, o comprometimento da renda seguiu em 19,7%.

## **Primeiro semestre de 2017 será decisivo para pequena indústria**

26/10/2016 – DCI



As micro e pequenas indústrias ainda enfrentarão pelo menos mais oito meses de dificuldades, apesar da melhora nos indicadores do setor. A escassez de capital de giro é o maior obstáculo para a sobrevivência dos negócios.

Na avaliação do diretor do Departamento da Micro, Pequena e Média Indústria (Dempi) da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Julio Bacheschi, o primeiro semestre de 2017 será de "sobrevivência" para essas companhias, especialmente por conta da ausência de crédito no mercado.

"Infelizmente, essas empresas passam por uma série de dificuldades desde o aprofundamento da crise econômica. No caso da falta de crédito, o maior problema está no fato de que elas não cumprem os pré-requisitos para conseguir dinheiro no mercado e não têm a quem recorrer", avalia ele.

Para o dirigente, a necessidade está relacionada a compromissos básicos, como o pagamento de funcionários e fornecedores. "Não vejo um cenário diferente para essas empresas durante o primeiro semestre do ano que vem. Só a partir do segundo período será possível vislumbrar alguma melhora. O segredo, até lá, será como sobreviver."

O diretor de tecnologia da Iberia Embalagens, André Lorinczi Nogueira, confirma a situação de paralisia da indústria. "Não haveria como ser diferente, ainda mais no nosso caso, pois atendemos fabricantes de alimentos e bebidas. Quando eles fazem cortes, sentimos diretamente no nosso negócio", diz. Localizada em Aguaí, no interior

de São Paulo, a empresa possui capacidade de produção de 10 toneladas de embalagens diversas por mês, mas está com 40% de capacidade ociosa.

"Tínhamos planos de expandir nossa atuação para outros segmentos, mas deixamos para depois por segurança. Nossa primeira preocupação é passar pelos próximos meses mantendo rentabilidade", explica Nogueira, sem especificar quando será possível voltar a investir na unidade fabril.

O presidente do Sindicato da Micro e Pequena Indústria do Estado de São Paulo (Simpí), Joseph Couri, avalia que, apesar do otimismo dos indicadores industriais, não haveria como a retomada dessas empresas ocorrer rapidamente.

"O pequeno empresário acaba enfrentando muito mais entraves no mercado, sem o mesmo poder de negociação e recuperação que as grandes empresas. Às vezes, falta capital para pagar as contas básicas. Além disso, ainda existe insegurança quanto ao cenário político nacional. Apenas após algumas definições é que as empresas poderão dar algum passo à frente", analisa.

Entre as medidas apontadas por Couri estão a aprovação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 241, que estabelece um limite para os gastos públicos com valores corrigidos pela inflação por até 20 anos, e as reformas tributária e previdenciária.

"O problema é quanto tempo irá demorar até que tudo isso seja aprovado e tenha efeito. Até lá, o cheque especial continua sendo o mais utilizado como capital de giro, mas os juros elevados dificultam o pagamento."

Bacheschi, do Dempí, avalia o cenário de maneira semelhante. "O ambiente ainda é de insegurança e dependemos de mudanças que estão sendo discutidas, algo positivo, mas que ainda são incertas. O empresário quer certezas", define ele.

#### Investimentos

O período da crise econômica exigiu ponderação no planejamento do diretor da Micro Química Produtos para Laboratórios, Cláudio Hanaoka.

Apesar do ambiente de incerto e das dificuldades decorrentes da crise, o executivo tenta equilibrar os investimentos na esperança de um ambiente econômico mais favorável a partir de 2018. "Toda a indústria sentiu os efeitos da recessão, mas não podemos desacelerar, porque quando a demanda voltar precisamos estar prontos para atendê-la", calcula o diretor em entrevista ao DCI.

Seguindo esta lógica, o empresário pretende conquistar a fatia de mercado deixada pelas concorrentes que não forem capazes de acompanhar a retomada da demanda interna a partir do segundo semestre de 2017.

"Se conseguirmos chegar até lá com um caixa saudável, com certeza teremos capacidade de atender uma parte maior do mercado e recuperar eventuais perdas causadas pela crise", revela Hanaoka.

Um dos caminhos para atravessar mais um semestre de dificuldades está na negociação. "Muitos clientes fecharam as portas ou estão precisando negociar mais prazo de pagamento. Tentamos fazer isso da melhor maneira possível, mas às vezes não há como não repassar nossos custos. Vamos equilibrando", diz.

Joseph Couri, do Simpí, acrescenta que a prática tem sido recorrente diante da falta de alternativas para dar continuidade aos negócios. "Se a empresa não está gerando lucro, não adianta negociar ou buscar outras linhas de crédito além das usuais porque fica impagável. Mesmo assim, existe um esforço do empresário porque, apesar de tudo, há expectativa de um cenário melhor para a economia", analisa.

De acordo com ele, isso explica os números da pesquisa mensal realizada pelo sindicato, que registrou 92 pontos no índice de satisfação do mês de setembro (numa escala até 200), o maior desde janeiro. "O índice tem a ver com a esperança na recuperação, enquanto o cenário atual permanece sem grandes novidades", conclui.

É de olho em uma eventual melhora da economia que a diretora da Medicatriz Cosméticos, Sheila Gonçalves, vem guiando os negócios da empresa. "Sabemos que o ambiente econômico continuará difícil durante o primeiro semestre do ano que vem, mas é neste tipo de situação que a indústria precisa se reinventar para sobreviver. Este é nosso foco", conta.

Entre as estratégias da executiva para 2017 estão o lançamento de uma linha de dermocosméticos para o público masculino. "Temos know-how naquilo que fazemos, sendo capazes de inovar sem precisar fazer investimentos enormes. Seguiremos assim."